Tarefa 15 professora Karlla

Conteúdo: Uma dramaturgia moralizante

Resolução

01. A primeira peripécia narrativa da peça, o enterro do cachorro, pode ser encontrada em diversas obras anteriores, como no cordel "O Dinheiro", de Leandro Gomes de Barros (1865-1918). Nesse cordel, um cachorro também deixara uma soma em dinheiro no testamento com a condição de que fosse "enterrado em latim".
As duas próximas peripécias, ambas encontradas na segunda parte da peça (que pode ser dividida em três atos), apresentam um gato que supostamente "descome" dinheiro e de um instrumento musical que seria capaz de ressuscitar os mortos. Essas duas estruturas narrativas estão no romance de cordel "História do Cavalo que Defecava Dinheiro", também de Leandro Gomes de Barros.
Na peça, porém, Suassuna substituiu o cavalo por um gato, certamente para facilitar a encenação. Esse é um exemplo de como uma necessidade prática pode influir na narrativa, obrigando o autor a transformá-la conforme as necessidades impostas pela forma de apresentação.
A apropriação da tradição, ao contrário de ser facilitada pela tematização prévia, é dificultada, pois, ao imitar, é preciso fazer jus a quem se imita, superando-o ou pelo menos igualando-se a ele em qualidade e inventividade. No texto de Leandro Gomes, o instrumento musical capaz de levantar defuntos era uma rabeca e, em Suassuna, passa a ser uma gaita, provavelmente também por causa de uma necessidade cênica.
No último ato da peça ocorre o julgamento dos personagens que foram mortos por Severino de Aracaju, e do próprio Severino, morto por uma facada de João Grilo. É impossível não pensar no "Auto da Barca do Inferno", de Gil Vicente, em que uma série de personagens é julgada por seus atos em terra e tem como juízes um anjo e um demônio. A fonte direta de Suassuna, porém, estava mais próxima. É "O Castigo da Soberba", romance popular nordestino, de autoria anônima, no qual a compadecida aparece para salvar um grupo de condenados.
Fica patente o cunho de sátira moralizante da peça, que assume uma posição cujo foco está na base da pirâmide social, a melhor maneira de desvelar os discursos mentirosos das autoridades e integrar os homens e mulheres por meio da compaixão, a qual só os desprendidos podem desenvolver. Nesse aspecto, a moral que se depreende da peça é muito semelhante à do cristianismo primitivo, que se baseava no preceito "amai-vos uns aos outros".

02. Os personagens de "Auto da Compadecida" são alegóricos, ou seja, não representam indivíduos, mas tipos que devem ser compreendidos de acordo com a posição estrutural que ocupam. A criação desses personagens possibilita que se enxergue a sociedade de uma cidadezinha do Nordeste. É por isso que a peça pode ser chamada sátira social, pois procura reformar os costumes, moralizar e salvar as instituições de sua vulgarização.
Palhaço: é o anunciador da peça e também o grande comentador das situações. Suas falas apresentam muitas vezes um discurso mais direto, que dá a impressão de vir do autor. Na verdade, o Palhaço exerce função metalinguística no espetáculo, ao refletir sobre o próprio mecanismo mágico de produção da imitação e ao suprimir a distância entre realidade e representação.
João Grilo: protagonista, personagem pobre e franzino, que usa de sua infinita astúcia para garantir a sobrevivência. Já foi comparado a Macunaíma, o herói sem caráter. Tal comparação, no entanto, revela-se inadequada, já que João Grilo, ao contrário do personagem criado por Mário de Andrade, trabalha de forma dura, ajuda seu grande amigo Chicó e tem como justificativa de suas traquinagens ser assolado por uma pobreza absoluta. O mais acertado seria compará-lo ao personagem picaresco, encontrado no romance medieval Lazarilho de Tormes. Mas nem é preciso ir tão longe, pois Pedro Malazarte – cuja origem ibérica está em Pedro Urdemalas – é o personagem popular mais próximo de João Grilo.
Chicó: é o contador de causos, o mentiroso ingênuo que cria histórias apenas para satisfazer um desejo inventivo. Chicó se aproxima do narrador popular, e suas histórias revelam muito do prazer narrativo desinteressado da cultura popular. Chicó e João Grilo são como a dupla de palhaços entre os quais a esperteza é mal repartida — um sempre a tem de mais e o outro, de menos.
Padre João: mau sacerdote local, preocupado apenas em angariar fundos para sua aposentadoria.
Sacristão: outro exemplo de mau religioso.
Bispo: juntamente com o padre João e o sacristão, ajudará a compor o quadro de representação da Igreja corrompida.
Antônio Moraes: típico senhor de terras, truculento e poderoso, que se impõe pelo medo, pelo dinheiro e pela força.

Padeiro: representante da burguesia interessada apenas em acumular capital, explora seus empregados e tem acordos com as autoridades da Igreja.
Mulher do padeiro: esposa infiel e devassa, tem amor genuíno apenas por seus animais de estimação.
Frade: bom sacerdote, serve, no enredo da peça, para salvaguardar a instituição Igreja das críticas do autor.
Severino do Aracajú: cangaceiro violento e ignorante.
Cangaceiro: ajudante de Severino, seu papel é apenas puxar o gatilho e executar outros personagens.
Demônio: ajudante do Diabo, parece disposto a condenar todos os personagens mortos no final do segundo ato.
O Encourado (o Diabo): segundo uma crença nordestina, o diabo utiliza roupas de couro e veste-se como um boiadeiro. Funciona como uma espécie de antagonista de João Grilo; como ele, também é astuto, mas acaba sendo derrotado pelo herói.
Manuel (Nosso Senhor Jesus Cristo): personagem que simboliza o bem, porém um bem sem misericórdia. É representado por um ator negro, a fim de que isso produza um efeito de estranhamento no público.
A Compadecida (Nossa Senhora): heroína da peça, funciona como uma advogada de João Grilo e de seus conterrâneos, derrotando com seus argumentos cheios de misericórdia os planos do Encourado de levar todos ao inferno.

03.

- Matheus Nachtergaele como João Grilo
- Selton Mello como Chicó
- Rogério Cardoso como Padre João
- Lima Duarte como o Bispo
- Denise Fraga como Dora
- Diogo Vilela como Eurico
- Paulo Goulart como Major Antônio Morais
- Virginia Cavendish como Rosinha
- Aramis Trindade como o cabo Setenta
- Marco Nanini como "Capitão" Severino de Aracaju
- Maurício Gonçalves como Jesus Cristo ("Emanuel")
- Fernanda Montenegro como Nossa Senhora da "Compadecida"
- Luís Melo como o Diabo
- Bruno Garcia como Vicentão
- Enrique Diaz como Cangaceiro "Cabra"

04. Ariano Suassuna nasceu na cidade de João Pessoa, Paraíba, em 16 de junho de 1927. Quando tinha cerca de três anos de idade, seu pai foi assassinado por motivos políticos durante a Revolução de 30 e após isso o restante da família mudou-se para Taperoá, no sertão paraibano. Nessa cidade ele realizou seus primeiros estudos e começou a se familiarizar com a linguagem e cultura do sertão nordestino.
Em 1942, mudou-se com a família para o Recife, onde terminou seus estudos. Iniciou em 1946 a Faculdade de Direito, onde conhece Hermilo Borba Filho e com ele funda o Teatro do Estudante de Pernambuco. Em 1947, Ariano Suassuna publica sua primeira peça, Uma mulher vestida de sol, com a qual ganhou o prêmio Nicolau Carlos Magno.
Em 1950, forma-se em Direito e passa a exercer também a carreira de advogado. Após escrever mais algumas peças, Suassuna publica O Auto da Compadecida em 1955. Dois anos depois, essa peça é encenada pelo Teatro Adolescente do Recife e ganha a medalha de ouro da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, projetando o escritor para todo o país.
Em 1957, abandona a carreira de advogado para tornar-se professor na Universidade Federal de Pernambuco. No ano seguinte, casa-se com Zélia de Andrade Lima, com a qual teve seis filhos. Mais uma vez junto com Hermilio Borba Filho, funda em 1959 o Teatro Popular do Nordeste. Além disso, foi membro fundador do Conselho Federal de Cultura (1967) e do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco (1968).
Em 1969, Suassuna foi nomeado Diretor do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, cargo que ocupou até o ano de 1974. Nessa mesma universidade, doutorou-se em História em 1976 e ocupou o cargo de professor de Estética e Teoria do Teatro, dentre outras matérias, durante mais de trinta anos.
Em 1970, lança o Movimento Armorial, que se interessava pelo conhecimento e desenvolvimento das formas de expressão populares tradicionais.
Suas principais obras são: "Uma mulher vestida de sol" (1947), "O castigo da soberba" (1953), "O rico avarento" (1954), "O Auto da Compadecida" (1955), "O santo e a porca" (1957), "A caseira e a Catarina" (1962) e "O Romance d'A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-Volta" (1971).

"Num sei! Só sei que foi assim...." (Auto da Compadecida – Ariano Suassuna)